

Corto Maltese. As morfologias da aventura

Cristina Álvares

Literatura e Banda Desenhada – UC opcional do Mestrado em Mediação Cultural e Literária

Introdução às aventuras de *Corto Maltese*, de Hugo Pratt

Aventuras, tesouros e saberes perdidos – as fábulas entre objeto e símbolo

Corto, pirata e explorador

Corto é um pirata e, como tal, procura um tesouro: um galeão espanhol naufragado carregado de ouro, o ouro imperial russo (*Sibéria*, p.44), as minas de Salomão, o Eldorado, o tesouro de Alexandre o Grande (*Maison Dorée de Samarcande*, p.92,140-1), a clavícula de Salomão que é uma esmeralda, etc.

O tesouro que é, em *Ballade*, um tesouro material, de que Corto deseja apropriar-se, vai sendo combinado com e absorvido pelas fábulas (mitos e lendas) que se teceram ao longo dos tempos à sua volta. Mesmo já em *Ballade*, o tesouro está associado ao Monge, considerado uma verdadeira lenda viva. Com a introdução da personagem de Tristan Bantam e a sua busca de Mû, o continente-mãe afundado, o tesouro passa a estar preso na malha narrativa da lenda. Mû participa, tal como o tesouro (afundado, escondido, perdido), da dimensão do objeto perdido que é preciso recuperar. A aventura consiste nessa recuperação. Assim, as histórias de Corto combinam em doses diferentes e numa relação problemática a aventura do pirata e a aventura do explorador. A aventura articula ação (ao serviço de uma causa política e/ou familiar) e inquérito: Corto encontra e decifra cartas, mapas, inscrições, charadas, labirintos, mensagens cifradas, símbolos em geral. Mais do que uma riqueza material e concreta, quantificável, os tesouros de Corto são símbolos, mitos, lendas sobre tesouros e/ou mundos perdidos. O que Corto encontra não é o tesouro mas os saberes e as ficções que se cristalizaram em torno dele e sobre ele: minas de Salomão, Eldorado, por exemplo. Ele apropria-se não do tesouro mas das histórias sobre o tesouro (*Mu*, p.166).

Ontologia e ética do tesouro-objeto

Tanto *Capricorne* como *Suite* terminam com uma aventura que é uma reflexão sobre o tesouro material e concreto, o tesouro dos piratas. Em *...et nous reparlerons des gentishommes de fortune*, Corto, que não cessa de dizer que o que lhe interessa é procurar o tesouro de um galeão espanhol afundado, entra com Rasputine e Ambiguité, a neta do pirata Barracuda, numa aventura que passa por um jogo (de cartas) e termina com a perda definitiva do tesouro (p.34). Este é então definido como uma ficção para fazer sonhar; e a aventura é entendida como a busca de um tesouro que não existe (p.36), uma aventura intransitiva, na qual o mito e o símbolo substitui o objeto. Por outras palavras, a aventura de explorador prevalece sobre a do pirata. Tal não impedirá porém Corto e Rasputine de embarcarem juntos noutras aventuras de caça ao tesouro: *Sibérie*, *Maison Dorée*, nas quais o tesouro se desvanece, desaparece, é perdido, não é senão uma ficção, um sonho ou uma alucinação (*Maison dorée*, p.140-143). Notar que Rasputine, o pirata egocêntrico e amoral, é o companheiro de Corto nas aventuras do tipo pirata, enquanto que Steiner, o sábio judeu (ex-)alcoólico, é o seu companheiro nas aventuras de tipo explorador. Em *Mû*, album-síntese, Rasputine troca da aventura simbólica (p.53).

Ao longo de *Capricorne* também (e em histórias posteriores), Corto denega o seu desinteresse e altruísmo: que não é um herói (*Rendez-vous*, p.31), que a história em que lhe pedem para entrar não lhe diz respeito (pose da indiferença), fazendo gala de um relativismo moral que de fato não professa, e que só aceita a tarefa porque lhe pagam (*Secret*, p.8; *Samba*, p.10,11,13, 28). E

acrescenta que o que verdadeiramente o motiva é o tesouro (*Rendez-vous*, p.39) que é apresentado assim como uma alternativa tanto à aventura de Tristan como à aventura de cariz político (entregar armas ao chefe rebelde Tir Fixe na luta contra os fazendeiros, por exemplo). Ora, o que Corto faz regularmente é renunciar aos seus honorários (*L'aigle*, p.6) e/ou dá-los a outra personagem (*Mouette*, p.38; *Lagune*, p.38).

Em *Sous le drapeau de l'argent*, Corto regressa à aventura do pirata, montando uma operação de caça ao tesouro do rei do Montenegro que é simultaneamente uma ação de sabotagem da guerra: o interesse pessoal material de cada homem envolvido sobrepõe-se aos (falsos) ideais e valores patrióticos pelos quais estão implicados na guerra (de ambos os lados, há-os de todas as nacionalidades). Reunindo aqueles que no teatro de guerra são inimigos, o tesouro revela o valor ético do interesse pessoal – de maneira diferente porém do de Venexiana em *L'ange*. Mais uma vez, Corto renuncia à sua parte do tesouro que transfere para a dona da estalagem 'El gitanillo' em Toledo (p.38). - será a mãe dele ?

A reabilitação do tesouro dos saberes perdidos

As histórias sobre tesouros e mundos perdidos dizem-se e escrevem-se em fábulas e símbolos . Estes resultam do cruzamento e da inter-acção de várias tradições, imaginários e saberes que, ao longo dos séculos foram marginalizados e mesmo reprimidos pelas instâncias representativas do pensamento racional e racionalista (judeo-cristianismo e ciência ocidental). Por isso, foram preservados e transmitidos na clandestinidade como saberes secretos, mantendo uma relação mais ou menos conflituosa com a ortodoxia do saber oficial. Tais saberes arcaicos de fundo pagão (pensamento mágico) apresentam duas formas: as mitologias (céltica, crioulas, africanas, helvéticas); e as tradições herméticas (alquimia, sociedades secretas, maçonaria, templários, rosacruz) e gnósticas judaico-greco-orientais. Desarticuladas pela ação conjugada da Igreja, da colonização e do racionalismo científico, estas tradições imaginárias e simbólicas confluem num sincretismo (por exemplo, *Lagune*, p.38; *Mû*, Quetzalcoatl, divindade azteca e maia, é Cuchulainn, herói divino ou semi-divino irlandês : *Mû*, p.133) que sugere uma origem comum para todas elas (Mû). Esta unidade do imaginário humano diz-se em múltiplas narrativas a que Corto, ao longo das suas viagens, vai acedendo/tomando conhecimento/reconstituindo. Deste modo, a impossibilidade de recuperar o tesouro material torna possível a revalorização e a reabilitação dos saberes pré-científicos como saberes alternativos ao racionalismo ocidental (≠ Tintin).

Notar que o ser de Corto, filho de uma cigana de Gibraltar e de um marinheiro da Cornualha, nascido em Malta, ilha onde se cruzam culturas ocidentais e orientais, é ele mesmo um produto do sincretismo transcultural, para lá dos nacionalismos e das pátrias. Nele se encontram e reúnem uma pluralidade de mundos.

Bouche Dorée, a sacerdotiza-feiticeira macumba-vooodoo, é a encarnação do saber mágico arcaico. Sem idade, sem tempo, sempre jovem e bela, Bouche Dorée conhece o mundo e os seus segredos desde sempre. Conhece os pais de Corto (*Samba*, p.8) bem como o seu avô, que viveu no Brasil, e o seu bisavô, em Zanzibar (*La conga*, p.39). Mas Bouche Dorée não é uma feiticeira isolada da realidade do seu tempo e a sua ação é muito mais de cariz político do que mágico: apoia a luta dos sem terra contra os fazendeiros e é espia ao serviço dos aliados (*La Conga*)

Leituras exotérica e esotérica das fábulas

Há em *Corto Maltese* duas perceções fundamentais das fábulas (mitos e lendas) : a exotérica - narrativas coletivas, anónimas, tribais, populares que constituem o património cultural de toda uma população; a esotérica – narrativas com significação oculta reservada a um pequeno grupo de iniciados (*Hervétiques*, p.63,66) . Branca de Neve, por exemplo, tem uma leitura comum e uma leitura alquímica (Marie Louise von Franz, *L'interprétation des contes de fées*). Na sequência de *Ballade*, em que a cultura polinésia arcaica aparece desarticulada e marginalizada pela colonização, constituindo um mundo perdido (p.46,152; também *Fables*, p.21) ou, pelo menos residual,

Capricorne e *Suite* desenvolvem a percepção exotérica das fábulas: mitos, ritos e magia dos Jivaros e outras tribos índias. Ressalta aí a figura do mestiço ou crioulo, na fronteira entre dois mundos, que sustenta o segredo e o drama familiar: Morgana, a meia-irmã negra de Tristan; Aparia, filho de um desertor branco e de uma índia Jivaro; Tutazua, filho de Nathan Stone e de uma índia Jivaro, assassinados por brancos caçadores de escravos. A percepção esotérica prevalece a partir de *Éthiopiennes*, tomando grande relevo em *Venise*.

No entanto, a linha esotérica aparece desde cedo na aptidão migratória e desterritorializante dos símbolos: o selo de Salomão encontra-se na Baía, nas mãos de Morgana; o soldado britânico, que delira de febre numa ilha das Caraíbas, possui uma insígnia cabalística semelhante à da mãe de Corto (Alma de Toledo). Estes símbolos conectam o mundo indígena (tribal) e afro-americano da América do Sul e as tradições herméticas judaico-greco-orientais de fundo pagão através de uma cadeia complexa de mediadores, da qual os missionários franciscanos são uma peça importantíssima, pois são eles que fazem de Veneza o lugar onde se encontram as tradições tribais e as tradições herméticas (guetto; cf. *L'ange*).

A aventura iniciática

A tónica colocada nas tradições herméticas e gnósticas a partir sobretudo de *Éthiopiennes*, em que Corto revela a sua genealogia mítico-herética e se assume como um iniciado, acrescenta mais um patamar à dimensão da perda: além da dimensão real, materializada no tesouro sempre perdido, e da dimensão ficcional das lendas que envolvem um tesouro jamais encontrado, temos a condição original perdida com a expulsão do paraíso – condição essa a recuperar, tal como prescreve a versão cainita do *Génese* (devolver o paraíso à mãe). Tesouros como a rosa alquímica ou a fonte da eterna juventude simbolizam a condição paradisíaca. O álbum-síntese *Mû* reúne, discute e reflete sobre as três facetas da dimensão da perda : o tesouro material (aventura transitiva do pirata) e o tesouro imaterial do conhecimento que determina a aventura intransitiva do explorador, prolongando-a e interiorizando-a em aventura iniciática.

As aventuras de Corto Maltese são colocadas, desde *Ballade*, sob os auspícios da figura tutelar de Cain. Nesse primeiro álbum, Cain, o rebelde fratricida e Pandora, a primeira mulher (primeira também para Corto) que abre a caixa das contingências imprevisíveis, são primos. Estas duas figuras míticas estigmatizadas sugerem um laço de parentesco entre a tradição bíblica e a tradição mitológica. Cain inspira a rebeldia de Corto, que foi desertor (*Samba*, p.5), assim como a de personagens secundárias que povoam as suas histórias: desertores, forçados, índios.

Iniciação, heresia, rebeldia

Cain inspira também muitos dos dramas familiares que sustentam as intrigas, pois uma boa parte consiste numa história de rivalidade entre irmãos (*Ballade*, *Celtiques*, *Éthiopiennes*). À medida que os contornos iniciáticos da aventura se tornam mais nítidos (tónica colocada na gnose, genealogia cainita de Corto), o drama familiar faz ecoar um drama espiritual e o rebelde político é reconfigurado em rebelde espiritual, metafísico. Cain é o primeiro homem a revoltar-se contra Deus e, nessa medida, repete no plano humano, a rebeldia dos anjos caídos. Na versão herética cainita da Bíblia, o ato de desafio e de rebeldia cometido por Cain consistiu em recuperar a condição perdida, devolvendo o paraíso à mãe (Eva foi espoliada). Assim, o restabelecimento da condição original (divina, paradisíaca) coincide com um ato subversivo e herético de revolta contra Deus Pai (e contra Adão, considerado um covarde e um resignado) a favor da Mãe. A prevalência e o prestígio da Mãe (notar que as referências à mãe de Corto são bem mais frequentes do que as referências ao pai) sobre o Pai sublinha o fundo pagão da heresia gnóstica, nomeadamente a dos cainitas, que recusa o monoteísmo e o quadro epistemológico racionalista (Deus invisível, puramente inteligível, é correlativo do pensamento abstrato, lógico e matemático) que lhe está associado. Em alternativa, o modelo pagão politeísta (sincrético) e matriarcal (Corto do lado das Amazonas em *Mû*, o continente-mãe) sustenta uma matriz epistemológica assente na imanência do sagrado ao sensível

que legitima a magia (manipulação de substâncias, fluidos, formas). A iniciação gnóstica dá portanto à rebeldia política e existencial do herói uma significação espiritual, metafísica e epistemológica.

Pratt e Pratt

Note-se o quiasmo entre as aventuras de Corto e as de Tintin. Este segue uma linha epistemológica judaico-cristã que conduz ao primado do racionalismo científico (ainda que com alguma distância crítica a partir de certa altura), enquanto que aquele se inscreve na linha epistemológica contrária. Notar ainda que esta divergência filosófica entre Hergé e Pratt é significada por via dos estilos gráficos também divergentes: a linha clara de Hergé e o traço de tipo esboço de Pratt.

albuns	temática(s)	tesouro(s)	Saberes e símbolos	companheiros	Mulheres perdidas
1. Ballade 2	Política: guerra, colonização; segredo de família	Dos piratas da ilha Escondida	Cultura indígena da Polinésia Cain e Pandora	Rasputine	Pandora
2. Capricorne 3-6	Segredo de família; luta política	Mû, continente perdido + tesouro afundado	Magia (macumba) ao serviço dos aliados Signo de Salomão	Steiner Bouche Dorée	Morgana, meia-rmã crioula de Tristan
.3...et nous repalerons...7		Tesouro pirata Barracuda; Ontologia do tesouro		Rasputine	Ambiguité
Suite Caraibénne 8-14	Segredo de família; luta anti-colonial	Eldorado, tesouro e mundo escondidos	Magia tribal (Jivaros); voodoo Símbolo cabalístico , confraria cigana espanhola (Alma de Tolède)	Steiner, Lévi-Colombia + Melchisedech Bouche Dorée Ligação entre tradições indígenas e hebraicas (guetto de Veneza)	Soledad, Esmeralda, Venexiana
Sous le drapeau 15	Ação anti-guerra	Tesouro rei do Montenegro; Ética do tesouro		partilha em Toledo , antiga sinagoga	
Celtiques 16-19	Luta política; segredo de família		Mitologia céltica (continuidade sonho-realidade)		Banshee Rowena Pandora casou
Éthiopiques 20-23	Luta política; dramas familiares	Ouro	Gnose (cainitas)	Cush (Rasputine intransitivo)	
Sibérie	Luta política	Tesouro do czar	Sociedades secretas chinesas	Rasputine	Xangai-Li

Venise		Clavícula de Salomão	Maçonaria Gnose	Rasputine (em sonho)	Hipazia filosofia greco-oriental
Maison dorée	Conflito político; drama familiar	Tesouro de Alexandre o Grande	(continuidade sonho-realidade)	Rasputine	Cassandra Venexiana
Tango	Conflito político; drama familiar				Esmeralda
Hélvétiques	Alusão à colonização	Rosa alquímica	Corto iniciado à Cabala (continuidade sonho-realidade)	Steiner	
Mû		Mû, Tesouro dos Templários, Fonte da eterna juventude	Labirinto e iniciação gnose mitologias céltica e mexicana (continuidade sonho-realidade)	Rasputine + Steiner, Lévi-Colombia Tristan, Bouche Dorée, Soledad	Tracy Eberhard